ASPECTOS COMUNS DA ORGANIZAÇÃO SOCIAL KAINGANG, XAVANTE E BORORO¹

JULIANA SOARES²
UNISINOS

RESUMO: Durante o desenvolvimento do Projeto Taió (Arqueologia do Planalto Catarinense), foram realizadas pesquisas etno-históricas a respeito dos Jê Meridionais - Tradição Taquara/Itararé e seus descendentes Kaingang. Os resultados desses estudos levaram à necessidade de obter dados que permitam discutir como se constituiu a identidade étnica do grupo, percebendo de que maneira o processo migratório para a Região Sul influenciou sua especificidade cultural. A estratégia utilizada para abordar a questão foi perceber o Kaingang dentro do contexto dos Povos Jê, confrontando-o, através de análise comparativa, com as sociedades Xavante e Bororo a fim de mapear elementos distintos e comuns de suas estruturas de organização social. Os resultados obtidos vêm auxiliar os estudos culturais Kaingang e a interpretação de dados arqueológicos.

PALAVRAS-CHAVE: Kaingang; Xavante; Bororo; análise comparativa.

ABSTRACT: During the development of the Taió Project (Archaeology of the Santa Catarina Highlands), were held ethnohistorical research about the Southern Jê - Taquara / Itararé Tradition and their descendants Kaingang. The results of these studies led to the need for data to discuss how the ethnic identity of the group, realizing in which way the migration process for the South Region influenced their cultural specificity. The strategy used to address the issue was realizing the Kaingang within the context of Jê People, confronting it, through comparative analysis to the Xavante and Bororo societies to map different elements and their joint structures of social organization. The results come help the Kaingang cultural studies and the interpretation of archaeological data.

KEYWORDS: Kaingang; Xavante; Bororo; comparative analysis.

Introdução

Os povos falantes da língua Jê ocupavam, no período Pré-colonial, grande parte do Planalto Brasileiro, estendendo-se desde a porção central, para o leste, o oeste e o extremo sul, com mais de 36 grupos étnicos. Dados arqueológicos (SCHMITZ, 1982,1996) e estudos

¹ A pesquisa encontra-se em fase de desenvolvimento nas dependências do Instituto Anchieta de Pesquisas - UNISINOS.

² Graduanda em História - UNISINOS - bolsista CNPq - Email: julianasoares86@gmail.com.

lingüísticos de Urban (1992) demonstram que os Jê originaram-se de um ou mais grupos de caçadores-coletores oriundos do Planalto Central, nas cabeceiras do Rio São Francisco. Esse grupo inicial teria desenvolvido as bases fundamentais da língua e da cultura possibilitando uma organização interna, que os teria levado a buscar novos territórios. Diversas rotas de migração ao Planalto Oriental e ao Planalto Sul-brasileiro deram origem a grupos distintos, que foram desenvolvendo paulatinamente sua identidade étnica através de transformações culturais. A etnografia atual costuma dividir o tronco lingüístico Jê nas seguintes famílias: Jê Centrais, Jê Meridionais, Jê Setentrionais e Macro-Jê, onde cada uma dessas famílias é composta por diversos grupos étnicos mais ou menos semelhantes entre si.

Durante o desenvolvimento do Projeto Taió (Arqueologia do Planalto Catarinense), foram realizadas pesquisas sobre o ramo dos Jê Meridionais arqueológicos (Tradição Taquara, os construtores de casas subterrâneas) e etnográficos (Kaingang, descendentes da Tradição Taquara). Os resultados desses estudos etnohistóricos levaram à necessidade de obter dados sobre a constituição da identidade étnica do grupo Jê Meridional, possibilitando perceber de que maneira o processo migratório para a Região Sul influenciou suas especificidades e como o novo ambiente contribuiu para a formação de sua cultura.

A primeira estratégia utilizada para abordar a questão foi contextualizar a sociedade Kaingang dentro da formação cultural mais ampla dos povos Jê, tentando perceber a permanência e a transformação de aspectos estruturais da sociedade. Para isso, utilizou-se o método de análise comparativa confrontando aspectos da organização social de duas outras sociedades Jê com aspectos da organização social Kaingang no intuito de perceber elementos comuns e aproximados entre elas.

Figura 1 – Localização geográfica dos grupos analisados.

Devido às localizações regionais particulares e geograficamente distantes foram eleitos para a pesquisa, os Xavantes, Jê Centrais do Planalto Central e os Bororo, Macro-Jê do Planalto Oriental no Estado de Mato Grosso. O material usado para a reconstrução da organização social desses grupos é eminentemente bibliográfico, sendo composto por relatos etnográficos e estudos antropológicos. O presente artigo contempla os primeiros resultados obtidos na análise comparativa entre as sociedades Kaingang, Xavante e Bororo, atendo-se principalmente às semelhanças estruturais entre elas.

Mito de origem, organização dualista (metades) e clãs

Na análise da estrutura social dessas três sociedades Jê do Brasil, foi possível constatar que a propriedade essencial dos sistemas de organização é a mesma. Ou seja, existe uma lógica organizacional semelhante dentro da sociedade Bororo, Xavante e Kaingang, de modo que as leis que norteiam a vida social dos indivíduos são praticamente as mesmas. Admitindo, mesmo assim, a ocorrência de variações locais, nota-se que estas não alteram o fio condutor essencial que as une, a *organização dualista*.

A organização dualista é um conceito que pretende definir as sociedades que se organizam através da divisão em duas metades distintas. O termo *metade* é usado, segundo Schusky:

quando uma sociedade se divide em dois grupos, de modo que toda pessoa é necessariamente membro de um deles, a dicotomia leva a tantos traços distintivos que um termo especial – metade – é atribuído a eles (SCHUSKY, 1931, p.133).

Essa divisão em dois grupos–metades, ou metades clânicas que se diferenciam, contrapõem e complementam é o cerne da organização dualista desses povos. Todos são formados por duas metades, das quais todos membros da sociedade devem fazer parte.

Para os Xavantes as metades clânicas são: *Poredza'ono*, cuja pintura corporal é caracterizada por este símbolo “↑↑↑” pintado nas têmporas e *Ö wawê + Tobrató*, dois clãs distintos que se associam formando uma metade clânica única. *Öwawê*, pinta “⌌” nas têmporas e *Topdató*, pinta “○” na maçã do rosto (MAYBURY–LEWIS, 1984, p.221).

Figura 1–Diagrama representando trocas entre as metades Xavantes.

As metades clânicas Kaingang são *Kamê* e *Kanhru*. Dentro da metade *Kamê* existe a seção *Wonhétky* e dentro da metade *Kanhru* existe a seção *Votor*. Para fins de maior objetividade serão discutidas somente as metades clânicas principais. Os *Kamê* utilizam a marca “||”, enquanto os *Kanhru*, pintam-se com a marca “●●” (VEIGA, 2006, p.97).

Figura 2 – Diagrama representando trocas entre as metades Kaingang.

Na sociedade Bororo, o esquema se repete. A aldeia é dividida entre a metade *Exerae* e a metade *Tugaregue*, sendo que dentro de cada uma delas existem quatro clãs que trocam entre si. As insígnias clânicas Bororo estão ligadas a um conjunto de cantos, nomes e adornos específicos. A figura abaixo, retirada de Colbacchini e Albisetti (1942), reproduz uma aldeia Bororo com suas divisões específicas de metades e clãs.

Figura 3–Aldeia Bororo. (COLBACCHINI e ALBISETTI, 1942, p.34).

A divisão dessas sociedades em metades distintas que se contrapõem e estabelecem aliança entre si, favorece a coesão interna do grupo. É a partir da lógica de dividir para somar que se encontra a principal característica desse sistema, ou seja, a partir do momento em que agrupam-se clãs dentro de uma divisão maior (a metade), as possibilidades de uma disputa interna pelo poder e pela terra com a emergência de uma fragmentação se tornarão menores. Cada grupo familiar e seu clã estarão representados dentro de um grupo maior. Esse grupo é coeso e respeita normas tradicionais, contém seus símbolos e

suas insígnias. No entanto, uma metade clânica sozinha não é autônoma, seus membros sabem que não podem existir socialmente sem um par, sem a outra metade; o código de ética baseado na tradição mitológica da tribo lhes afirma isso, o *nós* não pode existir sem o *outro*, sem o complemento para que possa trocar (VEIGA, 2006, p.107–109).

Assim, dentro de uma mesma aldeia a fragmentação (divisão em metades) se torna necessária para a coesão dos membros. Ela não é excludente, pelo contrário, dá conta de incluir a todos, cada qual com seu lugar expresso dentro da sociedade. Esses *lugares*, status e normas sociais se afirmam através das tradições que, neste caso, são expressas pelas narrativas míticas em que é lembrado um passado a ser reproduzido. Stuart Hall (2005), cita Anthony Giddens, para argumentar sobre sociedades tradicionais

nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes (GIDDENS *apud* HALL, 2005, p. 15).

No caso destas sociedades as narrativas míticas contam sobre o passado e este fundamenta e molda o presente. A justificativa da organização dualista expressa nos mitos de origem Kaingang, Xavante e Bororo, é esta narrativa que comprova, no imaginário dos indivíduos, a existência das metades desde o início do grupo. Essas metades clânicas estão relacionadas à figura dos heróis fundadores e do tabu do incesto (MAYBURY-LEWYS, 1984, p.120), onde se afirma a regra da troca matrimonial entre os de linhagens distintas, instituindo o *casamento exogâmico* (VEIGA, 2006, p.105).

Tanto para os Xavante, como para os Bororo e para os Kaingang a atitude dos heróis fundadores deve se repetir no fazer social. Nos três casos, os heróis tomam uma mesma atitude no final do mito: casar seus filhos entre si, ou seja, instituem o matrimônio entre linhagens distintas, formando assim dois grupos que devem trocar sempre.

No mito Kaingang, os heróis são os *Cayurucrês* (atuais *Kanhru*) e os *Camés* (*Kamê*):

Casaram primeiro os *Cayurucrês* com as filhas dos *Camés*, estes com as daqueles, e como ainda sobraram homens, casaram-nos com as filhas dos Caingangues. Daí vem que *Cayurucrês*, *Camés* e *Caingangues* são parentes e amigos (BORBA, 1908, p.22).

Observa-se que casam seus filhos entre si, primeiramente, e a partir daí viraram parentes, e também amigos. Na narrativa está expressa a raiz da organização dualista onde existem dois homens que se relacionam pela troca e pela aliança constituindo assim uma relação de parentesco e também de simetria e igualdade. No caso Kaingang, especificamente, nota-se que o nome das metades clânicas é o mesmo que o nome dos heróis fundadores.

No mito de origem Xavante a narrativa é semelhante à dos Kaingang: são, também, dois os heróis fundadores, *Butséwawê* e *Tsa'Amrĩ*, que casam seus filhos entre si:

E assim tiveram os primeiros filhos, depois, em seguida, tiveram duas filhas. Passados os anos, BUTSÉWAWÊ desposou o seu filho PINI'RU com a filha de TSA'AMRÎ, chamada TSINHOTSE WAIBU'O. TSA'AMRÎ desposou seu próprio filho TSAHÖ BÖRE com TSITSI'Ô, filha de BUTSÉWAWÊ (GIACCARIA e HEIDE, 1984, p.12).

Na sociedade Xavante as duas metades que trocam alianças, principalmente matrimoniais, também se consideram descendentes desses homens míticos (GIACCARIA e HEIDE, 1984, p.13), no entanto não de forma tão evidente como entre os Kaingang onde o próprio nome do herói é o nome da metade.

No mito Bororo existe a presença de somente um herói, o *Jokurugwa*, que curiosamente sobreviveu a uma enchente de sua aldeia, assim como *Kamê* e *Kanhru*, e que deve retornar à ordem existente antes do incidente. Ao desposar uma cerva terá filhos e vai dividi-los em metades distintas.

Então dividiu seus filhos em duas secções: a alguns considerou *exerae*, aos outros *tugaregue*, e estabeleceu que homens e mulheres *exerae* esposassem os *tugaregue* e os *tugaregue* aos *exerae*. É por isso que,

até hoje, os índios fazem assim (COLBACCHINI e ALBISETTI, 1942, p. 201).

O fato de os índios fazerem assim até hoje, afirma essa perspectiva da reprodução das normas tradicionais, incorporando o discurso mítico como a instauração de um ato social.

Os mitos nos traduzem o princípio de aliança entre metades, presente no sistema de organização dualista, como uma norma tradicional que deve ser seguida; essa aliança, baseada na reciprocidade permeia cada ato da vida cotidiana. O matrimônio é a sua mais forte expressão, pois garante a interação formal entre aqueles que são distintos, situando o indivíduo dentro de uma relação de troca com os seus diferentes (MAYBURY-LEWIS, 1984, p.221).

Esse antagonismo, essa categorização evidente de quem são os diferentes, os *outros*, e quem são os iguais, *nós*, é outra característica presente nessas sociedades. Aqueles que pertencem à mesma metade que um determinado Ego, recebem uma denominação específica, diferente da denominação dada aos que estão no outro grupo. Para os Kaingang a expressão *Kaikõ* é usada para se referir a alguém que pertence à mesma metade (VEIGA, 2006, p.131), enquanto a expressão *lambré* se refere aos indivíduos da outra metade, principalmente aqueles com que Ego pode estabelecer alianças (seus primos cruzados, o irmão de sua esposa,...).

Para os Xavantes o processo é praticamente o mesmo. São chamados de *Waniwimhã* todos os indivíduos da mesma metade de Ego, seus iguais. Enquanto os pertencentes à outra metade são os *Watsire'wa* (outros). Dentro dos *Watsire'wa* existe a categoria *Watsini*, que, assim como o *lambré* Kaingang, refere-se àqueles indivíduos com quem Ego irá trocar diretamente (seus primos cruzados, o irmão de sua esposa...) (GIACCARIA e HEIDE, 1984, p.118).

Na sociedade Bororo aparece o uso do termo *Iwobe*, referenciando os parentes próximos do mesmo clã e as pessoas que habitam uma mesma casa. Esse termo se aproxima do *Kaikõ* (Kaingang) e do *Waniwimhã* (Xavante), no entanto, parece ser usado para categorizar os indivíduos que mantêm uma relação mais imediata com Ego, e não a todos aqueles que pertencem a sua metade (NOVAES, 1986, p.121).

Quanto aos indivíduos da outra metade, os afins, as terminologias variam conforme o tipo de relação que Ego está estabelecendo. Como exemplo, na obra *Mulheres, Homens e Heróis. Dinâmica e permanência através do cotidiano da vida Bororo*, Novaes (1986) explicita o uso do termo *iadu* como o tratamento com que homens de metades distintas passam a manter depois de estabelecerem algum tipo de aliança envolvendo troca ritual e solidariedade. Até o presente momento não registrei nenhuma terminologia de uso geral que definisse todos os indivíduos da outra metade, a não ser o próprio nome desta, *tugaregue* ou *exerae*.

Conforme os dados obtidos é possível afirmar que as três sociedades em questão expressam e denominam o *nós* e os *outros*, de modo que a cada momento na vida dos indivíduos desses grupos existe a categorização das pessoas que transitam no mundo da comunidade. É através dessas nomeações que se estabelecem as normas de convivência, o status e as funções atribuídas aos membros da sociedade. Tais relações podem tornar-se evidentes através do estudo das terminologias de parentesco.

Parentesco

Nas três sociedades em questão o matrimônio é exogâmico, possibilitando a troca entre cônjuges de grupos distintos. Entre os Kaingang e os Xavante a transmissão da insígnia clânica se dá pelo lado paterno, tratando-se de sociedades patrilineares. Ou seja, se o pai de Ego é *Kamê*, Ego também será. No caso dos Bororo a transmissão se dá pela linhagem materna, o indivíduo pertencerá à mesma metade clânica de sua mãe.

De acordo com as normas de classificação de parentesco, tanto Kaingang como Xavante se inserem dentro do modelo Iroquês. Neste modelo, fica estabelecido que os primos paralelos (filhos de irmãos do mesmo sexo) de Ego (indivíduo escolhido como representante) são igualados entre si e com os irmãos de Ego, sendo designados pelo mesmo termo. Enquanto os primos cruzados (filhos de irmãos de sexo diferente) pertencem a uma categoria diferente, mas igual entre si, no

caso de uma patrilinearidade entende-se por primo cruzado o filho ou filha da irmã do pai ou do irmão da mãe. Na organização dualista Xavante e Kaingang, os primos paralelos pertencem à mesma metade que a de Ego, enquanto os primos cruzados pertencem à outra metade, ou seja, se Ego é *Öwawe* seus primos paralelos também serão, enquanto seus primos cruzados pertencerão à metade *Poredza'ono* (GIACCARIA e HEIDE, 1984, p.118).

As figuras cinco e seis ilustram uma família hipotética Kaingang e uma Xavante; as marcas clânicas são utilizadas para identificar as metades que estão trocando.

Figura 5 – Parentesco Kaingang, adaptado de Veiga (2006, p.137).

Terminologia de parentesco Kaingang adaptado de Veiga (2006, p.131) –

Tabela 1

Ig = Ego (Eu)

Ióg = Fa, FaBo

Ióg-kófá = FaFa, FaFaBo, FaMaHu

(todo homem a quem o pai de Ego chama de ióg)

Na/nhã = Mo, MoSi, FaWi, MoMoSiDa, FaFaBoDa

Nã ãfi = MoSi

Nã-kófá = FaMo. FaFaWi (toda mulher a quem o pai de Ego chama de nã)

Kóxid = So, BoSo (homem falando = hf) *Kóxid-xĩ* – BoSoSo, SoSo(hf)

Kóxid = BoSo (mulher falando= mf)

Kóxid-xĩ = BoSoSo, DaSo (mf)

Kóxidifi = Da, BoDa (hf) *Kóxid-xĩ-fi* = BoSiDa, SoDa (hf)

Kóxidifi = BoDa (mf) - *Kóxid-xĩ-fi* = BoSoDa, DaDa (mf)

Krẽ = Da, So,

Kéinkê = eBo= FaSo, MoSo, FaBoSo, MoSiSo mais velhos que Ego (hf, mf)

Ve = Si=FaDa, MoDa, FaBoDa, MoSiDa (hf)

Réngre = Bo= FaSo, MoSo, FaBoSo, MaSiDa (hf)

Nhévy = yBo = FaSo, MoSo, FaBoSo, MoSiSo mais novos que Ego (hf, mf)

Kaitkõ = parente, alguém da mesma metade.

Kakrõ = MoBo. FaSiHu (hf, mf)

Mbâ = FaSi, MoBoWi (hf, mf)

Kakrõ-Kófá = MoFa, MoFaBo (hf, mf)

Mbâ-Kófá = MoMo, MoMoSi (hf, mf)

Iambré = MoBoSo, FaSiSo, SiHu, WiBo, SiSo, DaHu (hf), MoBoSo, FaSiSo, SiHu e as pessoas da geração (-1) de marca contrária a de Ego.

Iambré-fi = MoBoDa, FaSiDa, BoWi, SiDa (= SiHuDa), SoWi, (hf)

Iambré-fi = MoBoDa, FaSiDa, BoWi, HuSi (mf)

Iambré-xĩ /fi = DaSo, DaDa, BoDaSo, BoDaDa (hf). Para uma mulher, pessoas da geração (-2) de marca contrária à sua.

Figura 6 – Parentesco Xavante, baseado em dados de Maybury-Lewis (1984).

Terminologia de Parentesco Xavante adaptado de Maybury-Lewis (1984, p.280) – Tabela-2.

<p><i>ĩrada</i> = MoFa, FaFa, MoMo, FaMo</p> <p>WANIWIMHÃ (nós, os meus)</p>	<p><i>ĩnidatiö</i> = Mo</p>
<p><i>ĩmama</i> = Fa</p> <p><i>ĩmama</i> = FaBr</p> <p><i>ĩtebe</i> = FaSi</p> <p><i>ĩdub'rada</i> (se mais velho que ego) ou <i>ĩno</i> (se mais novo) = FaBrSo</p> <p><i>ĩdub'rada</i> ou <i>ĩno</i> = Br</p> <p><i>ĩdub'rada</i> ou <i>ĩno</i> = Si</p> <p><i>ĩra</i> = Da</p>	<p><i>ĩna</i> = MoSi</p> <p><i>inamté</i> = MoSiHu</p>
	<p><i>ĩdub'rada</i> ou <i>ĩno</i> = MoSiSo</p> <p><i>ĩdub'rada</i> ou <i>ĩno</i> = MoSiDa</p>
<p>WASIRE'WA (outros, os afins)</p>	<p><i>rebdzu'wa</i> = MoBr</p> <p><i>rebdzu'wa</i> = MoBrWi</p> <p><i>watsini</i> = MoBrSo</p> <p><i>watsini</i> = MoBrDa</p> <p><i>atsimhi</i> = FaSiWi</p> <p><i>ĩtasa'omo</i> = FaSiHu</p>

<p><i>watsini</i> = FaSiSo</p> <p><i>watsini</i> = FaSiDa</p>	<p><i>ĩmro</i> = Wi</p>
---	-------------------------

Observando essas árvores genealógicas, percebe-se que um sistema é bastante semelhante ao outro, mesmo que as categorias de parentesco Kaingang tenham nomenclaturas diferentes das Xavante, expressam, na maioria dos casos, o mesmo sentido.

Primeiramente, observa-se nos dois sistemas a igualdade de categoria dada ao Fa (pai) e o FaBr (irmão do pai), *ĩmama* (Xavante) e *log* (Kaingang), processo que denota a forte relação do clã e da linhagem na vida do indivíduo, de modo que o Pai é todo homem mais velho, de uma geração ascendente do seu clã. Os *siblings* masculinos do pai estão na mesma categoria que o pai e pode-se dizer que gozam de semelhante respeito. A figura paterna é generalizada entre os homens mais velhos que pertençam a um mesmo clã que o de Ego. É neles que Ego irá se inspirar e com eles vai aprender.

No caso da terminologia para a mãe, ocorre uma variação entre os grupos. Para os Kaingang o termo *nã* define a mãe (Mo), todas as suas irmãs (MoSi) e a esposa do irmão do pai (FaBrWi), ou seja, a esposa de seu *lóg*. Assim, Ego está enxergando como mãe todas as mulheres da sua família, pertencentes a uma geração ascendente e à outra metade clânica. Para os Xavante a situação se diferencia, a mãe biológica recebe uma terminologia – *ĩnidatiö* – e suas irmãs (MoSi) outra – *ĩna* – (MAYBURY-LEWIS, 1984, p.284). É possível cogitar que *ĩna* seja uma inflexão de *ĩnidatiö*, no entanto, por ser outro termo demonstra que para Ego a representação de sua mãe é particular.

Com relação aos primos de Ego, o sistema se torna idêntico, nos dois grupos percebe-se que aqueles primos pertencentes à mesma metade de Ego, os primos paralelos, recebem a mesma denominação que seus irmãos sangüíneos. São chamados de *ĩdub'rada* ou *ĩno* (Xavante) ou *Rénggré e Ve* (Kaingang). Os primos paralelos são os filhos de siblings do mesmo sexo que os pais de Ego, ou seja, o FaBr que Ego iguala ao pai, terá um filho que será igualmente irmão de Ego. E a irmã da mãe (MoSi) que Ego iguala à mãe também gerará filhos que podem ser considerados seus irmãos.

Os primos pertencentes à outra metade que a de Ego, são os primos cruzados. É com os primos cruzados que pode acontecer o casamento e as trocas preferenciais, ou seja, é com eles que Ego deve trocar. Nota-se que estão na mesma geração de Ego, no entanto, por seus pais serem *siblings* contrários dos pais de Ego, estes pertencem à outra metade clânica. São primos cruzados o filho do irmão da mãe (MoBoSo), a filha do irmão da mãe (MoBoDa), o filho da irmã do pai (FaSiSo) e a filha da irmã do pai (FaSiDa). No caso Xavante são denominados *Watsini* (GIACCARIA e HEIDE, 1984, p.118), para os Kaingang, são *lambré* (VEIGA, 2006, p.137).

Mesmo não sendo obrigatório, o casamento entre primos cruzados é preferencial. Se não ocorrer o matrimônio ou a troca de mulheres a relação entre Ego e seus *lambré* ou *Watsini* irá permanecer mesmo assim, entre eles sempre haverá o princípio fundamental da aliança.

Na figura abaixo encontra-se exemplificada a relação dos *Watsini* (válida também para os *lambré*), onde dois primos cruzados (metades diferentes) da mesma geração e mesmo sexo irão casar seus filhos entre si. Se estes primos cruzados fossem de sexos distintos poderiam ter constituído matrimônio.

Figura 7 – *Watsini*. (GIACCARIA e HEIDE 1984, p.118).

Sobre a importância da relação de Ego com seus parceiros em potencial, Veiga (2006), cita o relato de uma mulher Kaingang falando a respeito do *lambré*:

Se vem alguma coisa (ruim) você não chama um irmão para lhe ajudar, mas chama o teu *iambré*. Por isso não brigue com teu *iambré*, porque *iambré* é *iambré*, para escorar (amparar) um ao outro. Se acontece alguma briga você não chama o teu irmão, mas chama o seu *iambré* (VEIGA, 2006, p.109).

Em suas análises a antropóloga aponta que a troca de parceiros conjugais é apenas um aspecto da aliança entre o homem e seu *iambré*. As trocas podem ser de serviços funerários, de bens, de nomes, etc. Situadas assim num universo mais amplo de reciprocidade que se desdobra na máxima da divisão em metades clânicas.

Quanto à terminologia de parentesco Bororo, não foram encontradas referências claras que pudessem ajudar a classificar a sociedade dentro dos modelos conhecidos para os Jê (Omaha, Iroquês e Crow). Não é possível afirmar se as relações de matrimônio entre primos cruzados eram de caráter preferencial ou mesmo se havia propriamente uma distinção entre primos paralelos e cruzados. No entanto, alguns relatos pouco técnicos dos missionários salesianos Colbacchini e Albisetti (1942) forneceram algumas pistas para a compreensão do sistema.

Parece que falta, na língua desses índios, o nome correspondente a primo, talvez porque esse grau de parentesco não forma, então uma unidade bem definida. Realmente: os filhos de irmãs pertencem à mesma dinastia, enquanto os filhos de irmãos pertencem a clans diversos da mesma secção, e os filhos de um irmão e uma irmã pertencem, não só a clans diferentes, mas ainda uns são *exerae* e outros *tugaregue*; usam, porem o termo correspondente a irmão e irmã (COLBACCHINI e ALBISETTI, 1942, p.52).

A constatação de que a categoria primo não aparece dentro da sociedade Bororo é um forte indicativo de que está diluída em outras terminologias. Sabendo que os primos paralelos dentro das sociedades Jê recebem, em alguns casos, a mesma categoria nominal que os irmãos sangüíneos, resolvi montar uma idealizada genealogia Bororo a fim de entender as relações.

No meio da construção genealógica me deparei com a seguinte afirmação de Veiga ao falar do parentesco Jê: “já os Bororo, associados culturalmente aos Jê, são ditos Crow” (VEIGA, 2006, p.32), a antropóloga não

cita de que fonte obteve esse dado. No entanto, é possível que a sociedade Bororo esteja classificada dentro do modelo Crow, justamente porque, como afirma o teórico do parentesco Schusky: “A terminologia Crow está quase sempre associada à matrilinearidade” (SCHUSKY, 1931, p.54).

Assim, admitindo que o Bororo esteja inserido no sistema Crow, em seu parentesco ele irá igualar o pai e o irmão do pai e a mãe e a irmã da mãe na mesma categoria. A irmã do pai e o irmão da mãe (tios cruzados) estão em outro nível. Seus irmãos são todos os filhos de seus pais e os de seus tios paralelos. Entre os filhos de seus tios cruzados ocorre a grande diferença do sistema Crow, a filha do irmão de sua mãe estará na mesma categoria que sua mãe, e o filho na mesma categoria que o irmão da mãe. Para os primos cruzados paternos isso não acontece, esses são simplesmente os filhos dos tios cruzados.

Ao me deparar com alguns nomes de parentesco propostos pelos missionários salesianos Colbacchini e Albisetti (1942), percebi que os termos *i muga* (mãe) e *l ogwa* (pai) sofrem algumas inflexões e passam a servir também para os tios; por exemplo, o tio materno chama-se *l ogwa u vie*, sendo que o complemento final do nome refere-se a ele ser mais moço. A tia materna é conhecida por *l muga u tuie*, *u tuie* provavelmente refere-se a mais velha.

Além disso, outra afirmação de Colbacchini e Albisetti (1942) vem reforçar o entendimento. Para eles em toda a descendência de uma mulher, sua filha e a filha de sua filha serão suas filhas e todas elas serão filhas de uma grande mulher do passado, sua prole pertencerá toda ao mesmo clã e à mesma metade. Enquanto na descendência masculina, a relação entre os antepassados é diferente, ou seja, pai é aquele do clã oposto; se é um *Exerae* pode considerar simbolicamente como pai todos aqueles que pertencem aos *Tugaregue*. Já os avôs paternos pertencem à mesma metade, por isso que os *Exerae* chamam avôs todos os *Exerae* mais velhos. A figura oito pode ajudar a esclarecer essas afirmações. Nota-se a transmissão da descendência clânica pelo lado materno, bem como a linhagem paterna e materna de Ego.

Não foi possível coletar maiores informações relevantes para fazer algumas afirmações claras sobre a dinâmica do parentesco Bororo, no entanto, podemos inferir que o casamento entre primos cruzados seja compatível, mas não necessariamente preferencial.

Figura 8 – Parentesco Bororo. Adaptado de Colbacchini e Albisetti (1942).

Grupo doméstico

Nas três sociedades estudadas evidenciou-se a ocorrência da uxorilocalidade; depois do casamento a nova família irá morar na casa da mulher. A casa da esposa abriga seu pai, sua mãe e seus irmãos. O marido pertencerá sempre a uma outra metade clânica, que não é a da esposa e nem dos outros homens da casa, portanto, terá que se submeter a morar com os que são seus diferentes.

No caso Xavante e Bororo, as habitações são amplas e conseguem abrigar um número grande de pessoas. Para os Kaingang, a evidência de grandes casas comunais consta na bibliografia.

Os Kaingang possuíam, no passado, como os outros Jê, grandes casas comunais habitadas por um homem, sua mulher, seus filhos não casados, suas filhas casadas e seus genros com os respectivos filhos e filhas (cf. Borba 1908:8-9, Cimitile 1882:277-8). Atualmente os Kaingang não possuem mais grandes casas comunais, mas é comum que as filhas, ao se casarem, tragam os maridos para a casa dos pais. Quando o casal novo passa a uma casa própria, em

geral esta fica localizada ao lado da casa dos pais (VEIGA, 2006, p.111).

A arqueologia não fornece dados suficientemente claros para falar do tamanho das casas pré-históricas (BEBER, 2005). As estruturas rebaixadas freqüentemente são pequenas, a maior parte delas tem tamanho médio e poucas são as de tamanho realmente grande. Elas podem estar isoladas ou em conjuntos de duas ou três, mas disso não se podem tirar conclusões sobre a forma da habitação familiar.

Hipóteses levantadas a respeito da estrutura da casa Kaingang do período pré-colonial necessitam de maior aprofundamento etnográfico e arqueológico.

Sobre as relações do grupo doméstico dentro da sociedade matrilinear, sabe-se que o genro deverá ao sogro grande respeito e muitos favores, tendo a responsabilidade de ajudá-lo na manutenção da casa, da roça e da saúde. É importante lembrar que no caso Kaingang e Xavante essa relação, sogro e genro, se dá como uma ocorrência de reciprocidade, já que ambos pertencem a metades distintas. Para os Bororo, sabe-se que esse comprometimento do genro com o grupo doméstico da esposa também existe, no entanto, a relação com o sogro pode apresentar aspectos diferenciados, pois ambos pertencem à mesma metade clânica (NOVAES, 1986, p.52-53).

Com os outros membros da casa, como os irmãos da esposa, a relação é semelhante à mantida com o sogro. Os cunhados estabelecem entre si fortes alianças, dividindo os trabalhos da casa, o resultado das caçadas e realizando trocas rituais. Para o Kaingang, um homem sempre tem seus cunhados, *lambré*, por perto como companheiros de atividades. Por exemplo, são eles, os cunhados da outra metade, que ajudam nas cerimônias de sepultamento, um rezando pela alma do outro.

Na sociedade Xavante essa modalidade de trocas também ocorre. Quando um homem tem um filho homem, este terá que passar pela cerimônia de nomeação; quem dará o nome à criança, em ato cerimonial, será o cunhado do pai, o irmão da mãe, de metade distinta da do pai e da criança. Sabe-se que um homem trata com bastante respeito seu cunhado, incentivando seu filho a interagir com ele (MAYBURY-LEWIS, 1984, p.297).

Com os Bororo, a reciprocidade do homem com seu cunhado se dá, essencialmente, nas caçadas

Quando um bororó mata um tamanduá-bandeira ou um porco do mato, se estiver presente um cunhado, será este que carregará o bicho para casa e o esquartejará. Ficarão para ele os quadrís sem as pernas; o couro sem o da cabeça. Todo o resto pertencerá ao matador. Aquele que carregou tem a obrigação de repartir os pedaços recebidos entre o pai, a mãe e os cunhados. O matador tem a mesma obrigação para com os cunhados, dando os pedaços melhores aos parentes de sua mulher (COLBACCHINI e ALBISETTI, 1942, p.82).

A família da mulher tem grande influência na vida dos homens dessas tribos. Quando estes encontram-se dentro da casa de sua esposa, estão também na casa de um outro clã, e é através dessas relações cotidianas de troca e aliança que estarão confirmando a macro estrutura social dualista que rege essas sociedades.

Inicialmente, o homem pode sentir-se oprimido por estar entre os *outros*, não gozando de total liberdade dentro de sua casa. No entanto, com o passar dos anos essa situação tende a se inverter, com os irmãos da mulher casando e saindo de casa e o sogro morrendo, o poder do grupo doméstico passará para o genro e conseqüentemente para o seu clã. Ele será o homem mais velho da casa, tendo seus filhos, suas filhas e seus agregados.

Para os Bororo existe uma exceção, devido ao caráter matrilinear da sociedade: o clã dominante do grupo doméstico será sempre o clã da mulher, mesmo que o poder político de decisão pertença ao homem. Na aldeia Bororo essa situação fica evidente: todos os clãs, dentro da metade, têm uma habitação própria dentro do espaço ocupado; esta é fixa, nunca sai do lugar e pertence sempre ao mesmo grupo. Ou seja, a ordem e a disposição dos clãs nunca é alterada, pois o poder nunca troca de mãos. À medida que um homem se transporta para a casa de sua esposa ele sabe que esta nunca será a casa do seu clã, mas sim a casa do clã de seus filhos (NOVAES, 1986, p.53-54).

Tabela de comparações – Tabela 3.

	Kaingang	Xavante	Bororo
Divisão em metades clânicas	X	X	X
Pintura corporal identificando as metades	X	X	
Mito de origem ligado às metades	X	X	X
Reciprocidade entre metades	X	X	X
Exogamia	X	X	X
Patrilinearidade	X	X	
Matrilinearidade			X
Casamento entre primos cruzados	X	X	
Modelo de parentesco	Iroquês	Iroquês	Crow
Uxorilocalidade	X	X	X
Alternância de poder entre as metades no grupo doméstico	X	X	

Discussão

Durante essa primeira etapa da pesquisa, foi possível mapear com maior pontualidade aspectos da sociedade Kaingang até então entendidos e estudados como fenômenos isolados. A comparação com a sociedade Xavante demonstrou-se bastante fecunda: inúmeros aspectos da organização social são encontrados em total semelhança entre os dois grupos. As diferenças observadas entre Kaingang e Xavante encontram-se mais na organização física da aldeia do que na ordem social. Enquanto para o Xavante os ditames da ordem social perpassam por grandes casas

comunais e aldeias em formato de semicírculo, para os Kaingang as habitações não parecem tão grandes e se encontram espalhadas pelo terreno, ao que se sabe até o momento, sem uma ordem definida. O tipo de estrutura da aldeia demonstra uma adaptação do Jê Meridional à geografia e à vegetação da Região Sul, com planaltos íngremes de matas fechadas, diferindo do bioma do cerrado, fazendo com que o grupo se veja na necessidade de interagir com outras formas de construção.

Mesmo com essas diferenças físicas ligadas à concepção da aldeia, as regras que norteiam os princípios da organização se mantêm entre o Kaingang ao longo de sua migração para o Sul. Percebe-se que dos onze aspectos escolhidos para representar a sociedade; divisão em metades clânicas, pintura corporal identificando as metades, mito de origem ligado às metades, reciprocidade entre metades, exogamia, patrilinearidade, matrilinearidade, casamento entre primos cruzados, modelo de parentesco, uxorilocalidade e alternância de poder entre as metades no grupo doméstico, todos se apresentam de forma igual dentro das duas sociedades.

Tomando por base o pressuposto de Urban (1992) de que os Jê Meridionais teriam se distanciado do grupo Jê Central por volta de três mil anos atrás e migrado para a região sul, é possível afirmar através desses dados de análise comparativa que o grupo manteve uma relativa coesão cultural, seja frente ao contato com outras populações já estabelecidas, seja dentro de seu próprio núcleo Jê frente a novas características do ambiente. Essas afirmações se baseiam em somente um aspecto, a organização social. É necessário, para maior esclarecimento, que sejam analisados outros aspectos como a cosmologia e os rituais, a manutenção territorial, a adaptação ao ambiente, etc.

Com os Bororo, Macro-Jê, de separação mais antiga do grupo Jê Central (cinco mil anos atrás), a situação frente ao Kaingang já não é a mesma que a do Xavante. Esse grupo apresenta diversas particularidades que comprovam uma adaptação, uma possível troca cultural com outros grupos étnicos da região para onde migraram. Dos mesmos onze aspectos comparados com o Kaingang somente cinco são igualados. A principal diferença observada encontra-se na inversão do sistema patrilinear para o sistema matrilinear, alterando uma série de normas comuns aos Kaingang, e conseqüentemente ao Xavante, como, por exemplo, a alternância de influência das metades no grupo doméstico e o sistema de parentesco.

No entanto, os outros aspectos mais fundamentais da sociedade Jê, como a organização dualista e a reciprocidade entre metades, permanecem na organização Bororo. Dentro do seu imaginário mitológico, destaca-se o mito da inundação geral, semelhante ao mito do dilúvio Kaingang. Nos dois casos uma grande enchente extermina toda a sociedade deixando que sobrevivam somente alguns indivíduos, ou um no caso Bororo, a fim de restabelecer a ordem preexistente. O símbolo da enchente encontra-se bastante vivo no imaginário dessas duas sociedades. Uma investigação mais direcionada poderia dar conta de comparar as duas narrativas e extrair delas características relevantes para o entendimento dessas sociedades.

Entre os três grupos analisados foi possível estabelecer um denominador mínimo da organização social que aponta os seguintes aspectos presentes nos três: divisão em metades clânicas, mito de origem ligado às metades, reciprocidade entre metades, exogamia e uxorilocalidade. Essas características comuns mapeadas entre Kaingang, Xavante e Bororo fornecem perspectivas para que se discuta uma possível matriz cultural comum para os Jê do Brasil. E, considerando as rotas de migração e os contatos inter-étnicos seja possível reconstituir as transformações culturais e as especificidades regionais com maior clareza.

Referências bibliográficas

BEBER, Marcus V. O sistema de Assentamento dos grupos Ceramistas do Planalto Sul-brasileiro: o caso da Tradição Taquara/Itararé. **Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil, Documentos 10**. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 2005.

BECKER, Itala I. B. **O índio Kaingáng e a colonização alemã**. Separata de Anais do 2º Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas (reimpressão), p.45-71, 1976.

_____. **O índio Kaingáng no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1995.

BORBA, Telêmaco. **Actualidade Indígena**. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1908.

COLBACCHINI, Antonio; ALBISETTI, Cesar. **Os Boróros Orientais**: Orarimodogue do Planalto Oriental de Mato Grosso. São Paulo: São Paulo Editora Limitada, 1942.

GALVÃO, Marília, V. **Geografia do Brasil**: Região Sul. Rio de Janeiro: IBGE, 1977.

GIACCARIA, Bartolomeu; HEIDE, Adalberto. **Jerônimo Xavante conta**. São Paulo: Ed. Salesiana Dom Bosco, 1975a.

_____. **Jerônimo Xavante sonha**. São Paulo: Ed. Salesiana Dom Bosco, 1975b.

_____. **Xavante: Povo Autêntico**. 2.ed. São Paulo: Ed. Salesiana Dom Bosco, 1984.

GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: UNESP, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10.ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

KEMPF, Valter G. Notas sobre um grupo de indígenas de Santa Catarina. **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, n. CXII, p. 25-34, 1947.

LAROQUE, Luís F. da S. **Lideranças Kaingang no Brasil Meridional (1808-1889): uma história que também merece ser contada**. 2000, 304f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas, UNISINOS, [2000].

LAVINA, Rodrigo. **Os Xokleng de Santa Catarina: uma etnohistória e sugestões para os arqueólogos**. 1994, 165f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas, UNISINOS, [1994].

MABILDE, Pierre F.A.B. **Apontamentos sobre os indígenas selvagens da nação Coroados dos Matos da Província do Rio Grande do Sul. 1836-1866**. Brasília: Ibrasa/INL/Fundação Nacional Pó-Memória, 1983.

MAYBURY-LEWIS, David. **A sociedade Xavante**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S/A, 1984.

MAUSS, Marcel. **Institución y culto**. Barcelona: Barral Editore, 1971.

MENTZ RIBEIRO, Pedro A. A Tradição Taquara e as casas subterrâneas no sul do Brasil. **Revista de Arqueologia Americana**, n. 17-19, p. 09-49, 2000.

NOELLI, Francisco S. A ocupação Humana na Região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas 1872-2000. **Revista da USP**, São Paulo, n. 44, p. 218-269, 1999-2000.

NOVAES, Sylvia C. **Mulheres, Homens e Heróis. Dinâmica e permanência através do cotidiano da vida Bororo**. São Paulo: FFCH-USP, 1986.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Unesp, 1998.

REIS, Maria. J. **Problemática arqueológica das estruturas subterrâneas no Planalto Catarinense**. 1980, 265f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, [1980].

SANTOS, Sílvio C. **O homem índio sobrevivente do Sul**. Porto Alegre: Editora Garatuja, 1978.

SCHMITZ, Pedro I. Arqueologia do Centro-Sul de Goiás: uma fronteira de horticultores indígenas no Centro do Brasil. **Pesquisas, Antropologia n° 33**. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1982.

_____. As Tradições ceramistas do planalto sul-brasileiro. **Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil, Documentos 02**. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisa, 1988.

_____. Arqueologia nos cerrados do Brasil Central: Serranópolis I. **Pesquisas, Antropologia n°44**. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1989.

_____. Arqueologia nos Cerrados do Brasil Central. Sudoeste da Bahia e Leste de Goiás: o projeto Serra Geral. **Pesquisas, Antropologia, n°52**, São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1996.

_____. Arqueologia do planalto sul-brasileiro. **Revista de Arqueologia Americana**, n.17-19, p. 51-74, 2000.

_____. Casas Subterrâneas nas terras altas do sul do Brasil. In: _____. **Pesquisas**. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 2002.

SCHUSKY, Ernest L. **Manual para análise do parentesco**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária LTDA, 1931.

TOMMASINO, Kimye. **A história dos Kaingáng da bacia do Tibagi: uma sociedade Jê Meridional em movimento**. 1995, 348f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, [1995].

URBAN, Greg. A história da Cultura Brasileira segundo as línguas nativas. In: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (Org). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 87-100.

VEIGA, Juracilda. **Cosmologia e práticas rituais Kaingang**. 2000, 304f. Tese (Doutorado em Antropologia) – PPGAS, Unicamp, [2000].

_____. **Aspectos Fundamentais da Cultura Kaingang**. Campinas: Editora Curt Nimuendajú, 2006.